

LEMBRANÇAS

1.

Entrava com o ar apressado de quem chega tarde a um encontro desejado e explicava miudinhamente as teias que o tinham retido. Quase sem transição, começava:

“O sistema das vogais no português do século XIII...”

Matéria ingrata. Pouco curiosos, nós dispúnhamo-nos a ouvir polidamente. Atento, atencioso, afável, o professor falava como quem deixa ouvir, alto, o fluir do pensamento.

As árvores em frente do “casarão” floriam.

Com um olhar conivente ao discreto papelinho (de uma dessas antigas agendas de mesa), seu único lembrete para falar três horas a fio, soltava os fonemas no quadro. Em constelação.

“O mais curioso é que...”

E de súbito, inesperadamente, fazia-nos levantar voo. Onde já íamos! De associação em associação de ideias, passávamos pela física quântica, pela astrofísica, coisas que nem bem sabíamos o que fossem, mas que nos faziam, estonteados, maravilhados, aterrar de novo na sala, no sistema das vogais do século XIII, com uma poeira de estrelas na cabeça.

2.

O verdadeiro truque de magia decorria não só do discurso límpido transparente (o professor Óscar Lopes nunca se esquece de explicitar todos os conceitos que vai empregando), mas sobretudo do modo familiar, próximo e lúdico como falava:

“...qualquer coisa se passa de muito curioso...”

“...apetece logo caracterizar...”

“...e de que maneira!”

“...há qualquer coisa de intrigante...”

“...sentimo-nos envolvidos...”

Sim, sentíamo-nos envolvidos. E a culpa era também daquele plural com que implicava o ouvinte, o leitor: "...os textos que mais nos prendem..." Um plural que, em nada majestático, nos entretecia na tessitura do seu tão claro raciocínio. E, porque o seguíamos, tínhamos a ilusão de fazer parte integrante do seu saber tão entrecruzado de saberes, tão humanista ("... eu tenho muitas curiosidades de ordem científica..."). Um privilégio.

E, porém, tinha escrito:

"Os deuses vendem o que dão. Qualquer profunda comunhão, como a arte, paga-se com a aguda consciência da solidão de quase todos os momentos, rigorosamente de todos os momentos excepto os de produção directa, ou iminente, pela arte ou por qualquer pensamento de raiz."

3.

De um lado, o rigor: os instrumentos de análise sistemática e quantificada. Do outro, a advertência: "qualquer coisa se ganha, mas também qualquer coisa se perde, quando se pretende ser muito rigoroso".

E é como se a aguda consciência dessa perda decorresse directamente da paixão (às vezes só "esforço de simpatia literária", que confessa tão cansativa quanto a caridade cristã) que o liga aos textos literários sobre os quais se debruça.

Como o amador à coisa amada, teme feri-los de morte, embaciá-los que seja, ao mostrar-lhes o fio ("os cabelinhos mais finos"), o fragmentário avesso:

"... mesmo desligada do poema que remata (e o remorso punziu-me a cada necessária mutilação a que procedi), ela (a metáfora) é irredutível à sua paráfrase por meio de uma asserção global; percorre-a uma curva melódica..."

"o risco é o de uma redução (psicanalítica, mitográfica ou categorial)..."

Quando o que importa é também a plenitude da emoção: "... só vejo uma forma (...): a de dar o simples testemunho de uma leitura onde também e em voz alta se pensa, mas só para que a emoção caia mesmo lá onde está certa, lá onde, por isso mesmo, já no-la podemos permitir".

Enamorado, o ensaio crítico sussurra o que há de indizível no texto literário. E as saudades...

Maria José Costa
Maria Emília Traça